

Entre o passado e o futuro: a reportagem e os repórteres em tempos de crise¹

Guilherme Carvalho
Mauri König

Introdução

Gabriel García Márquez disse em um escrito intitulado “Sofismas de distração” que o jornalismo merecia uma nova gramática, para ver se os jornalistas não a meçam para enfim fazer a grande reportagem que se espera deles. Compatriota do célebre escritor, a jornalista colombiana Ginna Morelo (2016) interpreta a frase como um convite para entender que a reportagem é o grande gênero que nos permitirá seguir relatando com perseverança e esforço tudo aquilo que o cidadão merece saber.

Assim, quando os jornalistas veem ameaçado um modelo que sustentou por tantos anos o prestígio da profissão, ou que representou a essência dos valores que ancoram o jornalismo, a repercussão ou é devastadora ou trata-se de encontrar argumentos que apontem alternativas para a crise.

Neste trabalho procuramos nos ater sobre o futuro da reportagem no jornalismo. Mais do que obter uma fórmula mágica para a questão, procuramos identificar como ela tem sido pensada pelos jornalistas, considerando também a produção acadêmica a respeito.

O trabalho consiste na análise de declarações cedidas em entrevistas por jornalistas investigativos exclusivamente para esta pesquisa. Foram selecionados jornalistas que publicaram reportagens consideradas referências na produção e que tenham tido algum tipo de reconhecimento. Considerou-se, portanto, os que obtiveram prêmios nacionais e/ou internacionais, com reportagens que transformaram determinadas realidades, nos últimos 10 anos.

Na etapa de levantamento de nomes, no primeiro semestre de 2016, foram considerados 16 profissionais. São estes os jornalistas selecionados para a pesquisa: José Roberto de Toledo (Estadão e ex-presidente da Abrajá), Cid Martins (Rádio Gaúcha), Humberto Trezzi (Zero Hora), Mauri König (Uninter e Folha de S. Paulo), Fernando Rodrigues (ex-Folha de S. Paulo e ex-presidente da Abrajá), Letícia Duarte (Zero Hora), Fábio Almeida (RBS), Leonencio Nossa (Estadão), Andreza Matais (Estadão), Fábio Gusmão (Extra), Mário Magalhães (escritor e blogueiro), Rubens Valente (Folha de S. Paulo), Vandec Santiago (Diário de Pernambuco), Paul Radu (Romênia, *International Consortium of Investigative Journalists*), Daniel Lizárraga (México), Cândido Figueiredo (Paraguai), Ginna Morelo (Colômbia).

Perguntamos a eles qual a opinião a respeito do futuro do jornalismo investigativo e da reportagem, tendo em vista a conjuntura atual. Dos 16 nomes, 9 responderam. Em nossa análise, procuramos primeiramente realizar uma revisão bibliográfica dos conceitos de jornalismo investigativo e reportagem para, a partir de então, analisar as opiniões dos jornalistas, associando-as à literatura relacionada.

Este trabalho é desenvolvido por professores de jornalismo e estudantes de graduação de jornalismo do Centro Universitário Internacional, de Curitiba, sendo que duas estudantes são bolsistas, por meio do projeto de pesquisa Jornalismo Investigativo.

Reportagem: gênero, narrativa ou procedimento?

No Brasil, um dos primeiros a propor uma classificação dos conteúdos jornalísticos em gêneros² foi Luiz Beltrão que, na década de 1960, tratou da temática em três livros distintos a respeito do jornalismo informativo, interpretativo e opinativo. Tanto Beltrão como José Marques de Melo identificam a reportagem como gênero informativo, juntamente com a notícia. Por outro lado, Costa (2010a) entende que a reportagem também pode se enquadrar no gênero interpretativo, quando tem como característica o que Beltrão chama de “reportagem em profundidade” e, em alguns casos, também é classificada como um gênero autônomo.

Já a classificação de Chaparro (1998) propõe um detalhamento maior sobre a separação de gêneros. Há, segundo ele, dois gêneros possíveis de reportagem: a reportagem objetiva, cujo princípio é o de informar e relatar os acontecimentos, e que pode ser dividida em quatro modalidades (de acontecimento, de ação, de citações e de seguimento) e a reportagem interpretativa, cujas características primordiais são a interpretação e a análise.

Nessa perspectiva, a reportagem é um gênero que aborda temas ou assuntos “em uma perspectiva de aprofundamento, ultrapassando, para isso, os limites impostos pela mera descrição do factual, apresentando impactos, contexto, desdobramentos e antecedentes, entre outros elementos que incrementam o tema de que trata” (Costa, 2010a: 249).

Segundo Costa (2010a), são características da reportagem o uso de uma proposição de arranque que visa despertar o interesse do leitor e inverte o processo de produção da notícia, quando o fato impõe a produção jornalística. No caso da reportagem, o planejamento é colocado em primeiro lugar, para então determinar quais fatos serão apurados.

Em geral, a definição conceitual de reportagem está associada à sua distinção em relação à notícia. Se a notícia pode ser entendida como o conteúdo jornalístico que expressa simbolicamente a objetividade jornalística, a reportagem é o que representa predominantemente a subjetividade jornalística. Na notícia, o jornalista trabalha com assuntos atuais, é curta, é construída de maneira clara e direta, é composta pelo lide e outros aspectos que a tornam de fácil consumo. A reportagem, por outro lado, é geralmente mais longa e traz elementos mais subjetivos para sua construção.

Entendemos como características da reportagem os seguintes itens:

1. Geralmente envolve um processo de investigação mais aprofundado.
2. Conta com um maior número de fontes entrevistadas.
3. É maior do que a notícia.
4. Leva mais tempo para ser produzida.
5. A narrativa desconsidera a estrutura em pirâmide invertida e dá ênfase para aspectos contextuais do fato.
6. Conta com imagens, infográficos e/ou ilustrações.
7. Pode ser produzida por mais de um jornalista.
8. É composta, geralmente, pelo “nariz de cera”, uma introdução que contextualiza o fato logo no início, substituindo o *lead*.

A reportagem é, portanto, reconhecida como um gênero jornalístico a partir de dois aspectos: a narrativa, ou seja, aquilo que apresenta como conteúdo, e a partir dos processos de produção adotados. Ao descrever o processo para o jornalismo investigativo, Fortes (2014) propõe uma espécie de manual prático para a produção cujo resultado é a reportagem. Nessa perspectiva, o jornalismo ao adotar procedimentos investigativos mais aprofundados, uma vez que toda atividade jornalística parte (ou deveria partir) de processos investigativos, resulta na elaboração de reportagens. Sendo assim, toda reportagem pode ser entendida como jornalismo investigativo, mas nem todo jornalismo investigativo resulta em reportagem, pois, a partir da classificação por gêneros, pode ser narrado de outra maneira.

O conceito de reportagem está relacionado, portanto, ao procedimento de investigação. Ainda que todo trabalho jornalístico exija investigação, em Vasconcelos (2008) as reportagens desconstruídas para contar como foram feitas, estão associadas a processos investigativos aprofundados que incluem a análise de dados, a consulta a diferentes fontes de informação, um certo tempo de produção que é sempre pre-

cedida por um planejamento e o cruzamento de informações para buscar elementos que “saltem aos olhos”. Também a repercussão do trabalho, seja no veículo de origem de publicação, em outros ou em mudanças concretas na realidade, são elementos que caracterizam a reportagem.

Sodré e Ferrari (1986) classificam-na segundo três modelos possíveis: reportagem de fatos, de ação e documental. No primeiro caso incluem-se várias notícias que falam de um mesmo assunto. No segundo caso, apresentam-se movimentos de maneira enunciativa, quando o jornalista participa da narrativa. O terceiro diz respeito à apresentação objetiva dos acontecimentos, acompanhados de citações.

A reportagem, então, deve ser reconhecida como uma narrativa, entendida como “discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (Sodré e Ferrari, 1986: 11). Nessa perspectiva, o trabalho jornalístico pode resultar em notícia ou reportagem. O que diferenciaria um em relação ao outro é a maneira como os fatos narrativos serão tratados. Se o discurso for “absolutamente descritivo, documental – só há referências ao que pode ser visto ou constatado” (Sodré e Ferrari, 1986: 19), então será notícia. Agora, se o discurso é narrativo, isto é,

(...) reconstitui as ações e as presentifica, como se estivessem *ocorrendo*, (aí se torna reportagem. Nesse caso, a aproximação com o leitor é maior, na medida em que se pode acompanhar o desenrolar dos acontecimentos quase como testemunha. Esse tipo de relato se apoia na *ação* e no detalhamento. Tenta reproduzir os fatos realizando-os para o leitor (grifos dos autores) (Sodré e Ferrari, 1986: 21).

Então deve ser considerado reportagem. A reportagem, portanto, seria um gênero discursivo jornalístico, dentre outras construções discursivas possíveis para o jornalismo, que se caracteriza pelo uso da narrativa.

Lage (2001) parte também dos procedimentos para compreender o que é reportagem, entendendo que alguns passos são fundamentais para o trabalho jornalístico, como a elaboração de pauta, a consulta a fontes de informação, a entrevista, a pesquisa e a checagem. Por outro lado, tudo o que segue estes passos é reportagem, segundo ele, e pode resultar em diferentes narrativas. Assim, reportagem ganha *status* de procedimento jornalístico e não gênero e, portanto, todo trabalho jornalístico que inclua apuração é um trabalho de reportagem.

Hunter e Hanson (1996: 8) propõem uma definição para jornalismo investigativo, entendendo como a atividade que

(...) envolve expor ao público questões que estão ocultas – seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma

massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem a entendimento. Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados.

Esta conceituação compreende então que quando esses elementos não estão presentes, ainda que haja trabalho jornalístico, deve ser diferenciado como “cobertura convencional”, a qual exigiria menos esforço do que a cobertura investigativa. Na perspectiva de Hunter e Hanson, a reportagem pode ser resultante de ambos tipos de cobertura, porém, a cobertura investigativa resguarda um valor maior do que a reportagem ancorada em jornalismo convencional. Esta percepção de reportagem associa-se à de Lage (2001) em que o trabalho jornalístico de apuração é sempre reportagem. Vejamos.

Resultados da cobertura convencional: “A reportagem é vista como um reflexo do mundo, que é aceito assim como ele está dado. O(a) repórter não espera obter resultados além de informar o público” (Hunter e Hanson, 1996: 9). Resultados da cobertura investigativa: “O(a) repórter se recusa a aceitar o mundo como ele se apresenta. A história visa a penetrar ou expor uma dada situação, para que seja reformada ou denunciada, ou, em certos casos, para que se promova um exemplo de um caminho melhor” (Hunter e Hanson, 1996: 9).

Em busca de elementos que desassociem a reportagem de outros conteúdos jornalísticos, para além das questões de aparência, uma das preocupações expostas diz respeito aos procedimentos adotados, a começar pelo processo de seleção. Se na produção convencional do cotidiano o jornalista deve se ater aos principais acontecimentos do dia, procurando prever alguns destes, na cobertura investigativa o início do trabalho se dá por meio da formulação de uma hipótese.

Em essência, ele se baseia em um truque mental. Você cria uma afirmação daquilo que pensa que a realidade é, com base nas melhores informações de que você dispõe, e, então, procura novas informações que possam provar ou refutar a sua afirmação. Esse é o processo de verificação (Hunter e Hanson, 1996: 18).

Percebe-se, portanto, uma valorização da “cobertura investigativa” em relação à “cobertura convencional”. Na perspectiva dos gêneros, a reportagem tem mais valor do que a notícia para os jornalistas, ainda que os princípios éticos sejam compartilhados nas duas modalidades. Em geral, os jornalistas investigativos são mais bem remunerados e dispõem de um tempo diferente dos demais, o que permite um processo mais aprofundado e reflexivo sobre o próprio trabalho, algo mais difícil na cobertura de fatos do cotidiano. Deste modo, a reportagem tende a apresentar-se de modo mais qualificado, mais preciso e, portanto, com menores chances de equívocos. Já ouviu falar em prêmio para notícia?

A reportagem está em crise? Qual crise?

O cenário construído sobre o jornalismo, considerando o momento atual na comparação com décadas passadas, aponta para uma perspectiva pessimista em relação ao futuro da profissão. Em geral, as opiniões mais negativas a respeito do assunto tendem a avaliar a situação a partir da inserção de novos meios e seus impactos sobre meios tradicionais de comunicação, como é o caso do jornal impresso, que consagrou a reportagem.

No Brasil, grandes e médios jornais e revistas impressos têm realizado uma série de demissões de jornalistas, incluindo os perfis mais prestigiados, entre eles os jornalistas investigativos (Apublica, 2016; Desacato, 2016). A internet aparece como vilã da história, uma vez que oferece conteúdos gratuitos e adequados a um perfil de leitor que estaria menos interessado em reportagens aprofundadas e mais disposto a acessar conteúdos superficiais.

Em suas páginas na internet os veículos de comunicação tendem a manter *posts* de notícias no mesmo local por um período de tempo que não ultrapassa 8 horas, em média. Em alguns casos, como o portal Último Segundo³, as notícias são inseridas na página com menos de 5 minutos de diferença, em média, sobrepondo-se umas sobre as outras de modo a formar uma “cascata de notícias”. É preciso fazer o leitor querer acessar a página mais de uma vez ao dia, motivando-o, ao mesmo tempo, a acessar o maior número possível de páginas. Se a *home* mantém o mesmo aspecto por um determinado tempo, o leitor procurará novos conteúdos em outros locais, diminuindo a audiência do site e, conseqüentemente, o valor dos seus espaços publicitários.

Esta busca por um jornalismo adequado aos novos perfis de leitores procura identificar o comportamento do usuário na internet, expostos a uma infinidade de informações. As recomendações para redação jornalística na internet incluem parágrafos e frases curtas, informação direta e objetiva, economia de palavras, início de frase com palavras mais atraentes (Franco e Soares, 2014).

Está evidente que

(...) ao mesmo tempo que dispõe um imenso oceano ou leque de informações aos leitores e disponibiliza instrumentos acoplados de busca, o mundo da Internet, em decorrência das suas características de uso (velocidade, aceleração, credibilidade reduzida, etc.) diminui a profundidade de compreensão das informações pelos leitores. (Silva, 2003: 40).

Nesse sentido, podemos concordar com Silva (2003) que vivemos um período de sobrecarga de informação: condição em que a informação é recebida em taxas extremamente altas, que impedem sua assimilação. A tendência natural é dedicar

tempo menor para o que está exposto e, portanto, o oferecimento de conteúdos cada vez mais compartimentados.

O jornalista mineiro Lucas Figueiredo, autor de alguns dos mais celebrados livros-reportagem do Brasil na última década, a exemplo de *Morcegos negros*, *Ministério do silêncio* e *Olho por olho*, tem uma visão pessimista sobre as mídias tradicionais, como jornal, rádio e televisão. Há uma tendência de diminuição de espaço para o jornalismo de profundidade. Para ele, o futuro nessa área reserva um cenário pior. Contudo, salienta que há uma forte alternativa em ascensão para comportar o jornalismo de profundidade.

Abre-se, porém, um grande filão no Brasil: os livros reportagem. As tiragens vêm crescendo, há leitores dispostos a pagar por bons produtos. A internet, por sua vez, permite ao jornalista publicar seu trabalho investigativo sem precisar estar ligado a uma empresa. Um furo dado num blog sempre será notado. Importante é aliar a produção do conteúdo na internet com a presença nas redes sociais: o jornalista publica um furo no seu blog pessoal, por exemplo, e depois faz a própria divulgação no Facebook, Twitter, Instagram etc. (Figueiredo, 2016).

Ramonet (2012) fala de uma crise de identidade do jornalismo, resultante do enfraquecimento de empresas tradicionais de comunicação em decorrência da crise do modelo de negócio. Principalmente porque agora a difusão de informações não é mais um privilégio exclusivo a jornalistas, mas está disponível para qualquer pessoa com acesso à internet. Mais do que isso, os veículos jornalísticos vivem uma crise de credibilidade (Ramonet, 2012). A exigência de uma produção em ritmo acelerado a fim de fazer frente à concorrência, aliado ao enxugamento das redações promovido pelos empresários que veem seu negócio em crise, à precarização das condições de trabalho e aos novos hábitos dos internautas, reduz a possibilidade de investigação e apuração dos fatos. O resultado são coberturas superficiais, erros de informação e reprodução de pautas já publicadas por outros veículos ou completamente irrelevantes.

Partindo de uma análise do jornalismo nos Estados Unidos, Rosental Calmon Alves aponta uma realidade que agora começa a aparecer mais concretamente no Brasil.

A revolução digital impõe mudanças radicais e cria um novo ecossistema de mídia. A lenta ruptura dos modelos de negócio, produção e distribuição do jornalismo continuará impiedosamente. O jornalismo investigativo tem sido a primeira vítima dessa ruptura em muitas redações nos EUA (Alves, apud Tognolli, 2011: 63).

A crise da reportagem no jornalismo brasileiro, portanto, tem uma relação direta com a crise do modelo de negócios que sustentou por muito tempo meios de comunicação tradicionais. As limitações estruturais (menos jornalistas), aliado à escassez de recursos para as produções, resultam na redução da aparição do gênero reportagem nos impressos.

Na avaliação de Cid Martins (2016), repórter especial da Rádio Gaúcha, do Grupo RBS, o jornalismo investigativo no Brasil vive hoje o paradigma da necessidade de continuar com sua real função perante a redução de gastos. Para ele, a primeira barreira é a própria crise financeira do país que o deixa em segundo plano nas redações. O segundo entrave está ligado às novas tecnologias, exigindo da imprensa uma constante adaptação da estrutura e do conteúdo.

Não existe uma norma, mas como é preciso atender a demanda diária da internet que tem a tendência dominante baseada na gratuidade, muitas empresas do setor estão se restringindo nesse momento a apenas demitir funcionários que trabalham com reportagens mais complexas, que é o principal conceito do jornalismo investigativo. Porém, hoje se busca rapidez em informar e as vendas estão atreladas ao número de acessos feitos em páginas da rede. Para isso, são necessárias matérias mais curtas e em grande escala, tendo como resultado inicial um conteúdo mais superficial ou de entretenimento (Martins, 2016).

A realização de reportagens de profundidade exige tempo, dinheiro e maior número de profissionais envolvidos. As redações, no entanto, estão indo em sentido contrário, com equipes cada vez menores e com recursos financeiros mais contingenciados para reportagens de profundidade.

Uma pesquisa quantitativa analisando os gêneros jornalísticos dos jornais Zero Hora (RS), Folha de S. Paulo (SP), Correio Brasiliense (DF), A Tarde (BA) e O Liberal (PA), mostra que apenas 5,7% do conteúdo destes impressos são reportagens, contra 37% de notícias, dentre 23 formatos possíveis, em 5 gêneros classificados (Costa, 2010b). Se os conteúdos do jornal refletem a demanda por determinados tipos de informação do seu público, os números, então, suscitam a pergunta: as pessoas querem ler reportagem?

As opiniões de profissionais expressam um discurso defensivo sobre a situação atual do jornalismo. O repórter especial do jornal Zero Hora Humberto Trezzi, vencedor do Prêmio Esso de Jornalismo, entre outros, aponta um caminho para que as redações não sejam ofuscadas por essa avalanche de espaços meramente opinativos nas redes sociais. Ele não tem dúvidas ao afirmar que a sobrevivência do jornalismo passa pela investigação.

Sem ela [investigação], os meios jornalísticos serão atropelados pela profusão de blogs e informes de cidadãos (sem qualquer formação jornalística) que proliferam na internet. O jornalista deve ser o curador de informações, o check-boatos. E quanto mais aprofundado seu trabalho, mais terá credibilidade. Como a publicidade no meio impresso está minguando, a saída para os meios de comunicação é cobrar por um produto de qualidade (Trezzi, 2016).

Expressa-se, portanto, uma crença no público. A de que existe uma audiência interessada em consumir reportagem que justifique financeiramente o investimento empresarial ou que é possível “formar” o público. Sobre isso, Trezzi (2016) salienta que um cidadão fica mais completo quando conhece um assunto a fundo, e os jornais sobreviverão se fornecerem informação aprofundada. “É o que digo a meus filhos: notícia de graça tem por toda parte. Mas o sujeito se diferencia quando lê mais e melhor.”

O instinto de defesa de jornalistas em favor da sua profissão tende a sustentar que o problema está na falta de visão dos donos dos meios de comunicação, por não investirem na reportagem e, conseqüentemente, na formação de um público que saiba reconhecer a credibilidade do trabalho jornalístico. Por outro lado, os números do mercado de comunicação apontam para a adequação do negócio às novas condições. A outra questão que surge, então, é se a reportagem tem espaço em outros suportes para além do impresso.

Entre abril de 2013 e abril de 2014 houve uma redução de 6,22% no faturamento dos meios impressos no Brasil. Bem atrás dos 23,61% de crescimento da internet, que só perde para os fantásticos números da TV por assinatura, com 60,5%. A participação do impresso no mercado da comunicação representa 9,19%, em decadência. Já a internet, em ascensão, chegou em 2014 a 4,67%, proporcionalmente o terceiro maior meio em faturamento, rumando para o primeiro lugar (Intermeios, 2014). Nos Estados Unidos essa já é a realidade.

Em 2013 os investimentos em publicidade digital no país foram de US\$ 42,8 bilhões, contra US\$ 40,1 bilhões na televisão. O anúncio é um marco histórico, e deve acelerar ainda mais o processo de erosão do faturamento dos meios de comunicação tradicionais em todo o mundo (Anderáos, 2014).

O diretor do El País, jornal espanhol que lançou em 2015 uma versão brasileira do seu site, aponta para mudanças que são motivadas por aspectos do consumo:

A revolução que afeta os meios de comunicação ainda não foi concluída, o panorama ainda é muito confuso. A crise, provavelmente, ainda não chegou ao fundo do poço. A transferência de leitores do papel para o digital é constante.

Podemos encarar como fato consumado que o hábito de comprar o jornal em banca reduziu-se a uma minoria. A maioria das pessoas, principalmente os mais jovens, busca a informação em outros suportes e a consome de forma diferente (Caño, 2016).

Nessa perspectiva, a crise da reportagem seria reflexo da crise do modelo de negócios que passa por um processo de reestruturação para sobreviver em tempos de mudanças. Por outro lado, a internet e as corporações que dominam este meio apontam para um futuro muito atraente do ponto de vista empresarial para a reportagem e o jornalismo investigativo. O próprio El País apresenta um conteúdo ancorado, sobretudo, em reportagens mais aprofundadas, com textos maiores, também chamado *periodismo de immersion*, contrariando a tendência dos demais grandes veículos brasileiros. Além disso, é preciso observar a inserção de outros grandes grupos que dominam o ambiente digital e que agora se aventuram também com maciços investimentos em jornalismo aprofundado.

Conforme apontado por Castells (2003), a era das “empresas de rede” determina o surgimento de grandes negócios frutíferos na internet como eBay, Yahoo, Google, Facebook, entre outros. Estes grandes negócios estão ditando o mercado da comunicação em todo o mundo. O jornalismo não está alheio a isso. A Netflix, por exemplo, considerada a maior empresa no oferecimento de serviços de *streaming* para exibição de séries e filmes via internet, estuda a possibilidade de investir em jornalismo (Meio e Mensagem, 2015).

Além disso, estão emergindo uma série de iniciativas independentes que propõem a produção de reportagens sem fins lucrativos. É o caso de sites como Agência Pública, Repórter Brasil, Brio, Nexo, Ponte, Vice, entre tantas outras iniciativas que apontam um futuro promissor para a reportagem, considerando o ambiente digital como suporte e a segmentação do mercado.

Também o jornalismo de dados desponta como uma importante categoria que ganha espaço, principalmente pela facilidade de acesso a informações possibilitadas pela internet. Ao citar a Reportagem Assistida por Computador (RAC), Toledo (2011) destaca uma série de vantagens que favorecem o trabalho de jornalismo investigativo. Além do acesso a bancos de dados, também se destaca a elaboração de bancos de dados para a organização de informações, o georreferenciamento, o acesso a fontes por meio de redes sociais, os buscadores, o acesso a arquivos de conteúdos jornalísticos e pesquisas.

Destacado no México por suas investigações de profundidade, reconhecidas pelo Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo, o jornalista Daniel Lizárraga argumenta que a metodologia de investigação não deve mudar com as novas tecnologias. Tempo, profundidade e solidez são princípios fundamentais, entre outros, sem importar a plataforma tecnológica.

Creo que la metodología de investigación no debe cambiar con las nuevas tecnologías. Tiempo, profundidad y solidez, son principios fundamentales, entre otros, sin importar la plataforma tecnológica. Creo que las nuevas tecnologías nos permiten llegar con mayor amplitud y facilidad con las audiencias. El internet ha sido también el espacio para desarrollar mejores investigaciones por la libertad y las oportunidades de comunicación. No hay censura de parte de los gobiernos. Y quizá por eso mismo hay que tener cuidado. Las nuevas plataformas han dado una nueva dimensión en ese sentido: en la forma de comunicarnos, pero los principios del periodismo de investigación deben ser los mismos. En internet – como dijo recientemente Carlos Dada – se está produciendo el mejor y el peor periodismo (Lizárraga, 2016).⁴

Morelo (2016) recorda uma frase da jornalista Gianinna Segnini ao receber o prêmio da *Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano* em que ela afirma que estes já não são tempos de jornalismo dos “lobos solitários”, justamente porque a revolução digital, as novas tecnologias, nos levam a um espaço privilegiado de compartilhar com outros de diversos conhecimentos, que, bem usados, potencializam nossas histórias. Porém, a sustentação do valor da reportagem é encarada como um dever militante do jornalista.

Estamos en un momento genial. Sí, amenazados por la crisis económica de los medios e incluso por lo cambiante de las herramientas y lo que suponen los nuevos formatos digitales que debemos aprenderlos rápidamente para no quedar desconectados. Pero es un momento único en el que los periodistas que esencialmente debemos hacer investigación, la sigamos haciendo, produciendo piezas comprometidas y conectadas con las audiencias, en las que las nuevas tecnologías empujen más y mejores resultados (Morelo, 2016).⁵

A exemplo do que propõe o mexicano Lizzárraga, o jornalista brasileiro Leonencio Nossa também defende que o tempo no processo de investigação jornalística é determinante para a diferenciação entre um jornalismo de qualidade e uma cobertura deveras opinativa ou superficial.

Um dos repórteres mais premiados do Brasil, reconhecido pelos trabalhos de longa duração e autor de três livros-reportagem, Leonencio sustenta que a demanda por informação, que exige longo tempo de apuração, parece algo eterno. Assim, o trabalho jornalístico de fôlego contribui não apenas para revelar questões com toda complexidade e profundidade, mas para oxigenar a cobertura e o debate do dia a dia. Ele admite que as novas tecnologias trouxeram facilidades para o trabalho da investigação e da checagem, mas aponta um risco emergente:

O que me deixa atordoado, no momento, é o avanço desenfreado da opinião no espaço tradicional da reportagem, do conteúdo que permite uma gama de visões mais acentuada que o texto de uma coluna analítica. Uma reflexão sobre nossa cobertura dessa quase eterna crise política e de representação que se arrasta há pelo menos três anos talvez expõe de forma bem clara esse avanço da opinião. Nesse caso, o jornalismo que parece tão exaltado torna-se muito refém da fonte oficial. Talvez o momento em que se sobressaem de forma avassaladora articulistas e analistas seja um bom indício da fragilidade de uma redação, mosaico de visões e tipos de profissionais dos mais diversos (Leonencio, 2016).

Da mesma maneira, o produtor e repórter especial do Grupo RBS, o jornalista Fábio Almeida, ao ser questionado sobre o futuro da reportagem, assume a posição de quem perdeu uma batalha, mas não a guerra. Ele entende que, apesar da crise financeira e da dificuldade de manter um repórter ou uma equipe fora da pauta diária para produzir reportagens investigativas, as reportagens de profundidade sempre vão ter lugar de destaque no jornalismo. E, para ele, a razão é bem clara:

São essas apurações que diferenciam os veículos e que trazem credibilidade e notoriedade. Apesar das novas tecnologias de acesso e de produção de conteúdo, sempre a boa apuração feita por jornalistas é o que vai manter esse negócio. Reportagens investigativas de qualidade, apesar de toda a tecnologia disponível, sempre será feita com repórteres com o pé no barro, contatos e faro (Almeida, 2016).

Configura-se, portanto, uma aposta na sobrevivência da reportagem, partindo sempre de uma posição em que se desenvolve um cenário de crise para o jornalismo. Ou seja, a reportagem tem futuro no jornalismo, associando-se às tecnologias que abrem novas possibilidades, mas que exigem um repensar sobre a maneira como o trabalho pode ser realizado e apresentado, prezando por certos princípios fundamentais.

Repórter multipremiada do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, a gaúcha Letícia Duarte reafirma a convicção de Fábio Almeida e acredita que a tecnologia é uma aliada do jornalismo. Ela avalia que novas ferramentas e novas plataformas ampliam o leque de possibilidades de apresentação e difusão dos conteúdos. “O que não se pode pensar é que a tecnologia basta a si mesma, ou que pode substituir o esforço da reportagem. Reportagem digna desse nome exige suor, obstinação e pés do barro – encharcados na realidade” (Duarte, 2016).

Condições como essas apresentam um cenário mais otimista para o jornalismo investigativo. Dentre as questões que merecem uma reflexão estão as mudanças que o uso de tecnologias digitais podem provocar. No que se entende como reportagem e suas consequências para a qualidade das produções.

Considerações finais

Ao refletir sobre a pergunta expressa no título deste trabalho, talvez possamos pensar a respeito da crise na reportagem considerando quais aspectos da crise e qual crise. Nesse sentido, não resta dúvida de que há um processo de mudanças em curso no jornalismo, principalmente nos negócios, e de que isso afeta significativamente as redações dos veículos mais tradicionais.

A internet e outras tecnologias estão mudando a maneira de fazer jornalismo, ainda que se defenda que o jornalismo é sempre feito da mesma maneira. Essa é uma afirmação precipitada, tendo em vista que cada vez mais as tecnologias digitais mudam o perfil do público, a estrutura das redações, o mundo dos negócios e também as rotinas jornalísticas. O que talvez se esteja defendendo por trás da afirmação é que os valores e princípios profissionais não mudaram.

Como pode ser observado, o cenário construído pelos jornalistas traz uma percepção pessimista sobre a realidade “atordoante”, considerando que a reportagem está perdendo espaço no jornalismo ou os critérios de qualidade estão menos rigorosos. As opiniões tendem a expressar uma posição defensiva sobre a reportagem e o jornalismo investigativo e apontam a tecnologia como fator determinante nas mudanças.

Por outro lado, há uma ausência de análises sobre o público. Fala-se pouco sobre o que esperam aqueles que sustentam o trabalho jornalístico, o que deixa transparecer uma crença cega no público, de que ao oferecer bom jornalismo o público terá interesse e de que seria possível formar um corpo crítico capaz de demandar reportagens aprofundadas e orientar as estratégias de negócios.

Por fim, expressa-se também um discurso de esperança sobre o futuro da reportagem. Em geral, os jornalistas dizem acreditar que existe espaço para o jornalismo investigativo, considerando principalmente o uso da tecnologia. Nesse aspecto, a crise só faria sentido se fosse encarada como processo de mudanças. A questão que parece, então, fundamental a se procurar repostas não é se a reportagem terá futuro, mas qual será o futuro da reportagem.

Guilherme Carvalho
Professor do Centro Universitário Internacional (Uninter-PR)
guilhermegdecarvalho@gmail.com

Mauri König
Professor do Centro Universitário Internacional (Uninter-PR)
maurik4.6@gmail.com

Recebido em setembro de 2016.

Aceito em dezembro de 2016.

Notas

1. Este artigo foi apresentado no GT Futuro do Jornalismo e da Profissão do 14º Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo (EPPJ), realizado nos dias 16 e 17 de setembro de 2016.
2. O gênero, identificado como “um conjunto de parâmetros textuais selecionados em função de uma situação de interação e de expectativa dos agentes do fazer jornalístico, estruturado por um ou mais propósitos comunicativos que resulta em unidades textuais autônomas, relativamente estáveis, identificáveis no todo do processo social de transmissão de informações por meio de uma mídia/suporte” (Costa, 2010a: 47), é definido como um sistema de classificação, portanto, a partir de três elementos básicos: os parâmetros, a interação social e os propósitos comunicativos.
3. Site de notícias brasileiro do portal IG. Ver: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/>>.
4. Tradução para o português: “Creio que as novas tecnologias nos permitem chegar com maior amplitude e facilidade às audiências. A internet tem sido também o espaço para desenvolver melhores investigações pela liberdade e as oportunidades de comunicação. Não há censura por parte do governo. E talvez por isso mesmo há que ter cuidado. As novas plataformas têm dado uma nova dimensão nesse sentido: na forma de nos comunicar, mas os princípios do jornalismo de investigação devem ser os mesmos. Na internet – como disse recentemente Carlos Dada (fundador do bem-sucedido meio digital “El Faro”, de Salvador) – *se está produzindo o melhor e o pior jornalismo*” (Lizzárraga, 2016).
5. Tradução para o português: “Estamos em um momento genial. Se ameaçados pela crise econômica dos meios e inclusive pelas mudanças das ferramentas e o que se supõe os novos formatos digitais, devemos aprender rapidamente para não ficarmos desconectados. Mas é um momento único em que nós jornalistas, essencialmente, devemos fazer investigação, sigamos produzindo peças comprometidas e conectadas com as audiências, nas quais as novas tecnologias impulsionem mais e melhores resultados” (Morelo, 2016).

Referências

- ALMEIDA, Fábio. Entrevista cedida por email ao grupo de pesquisa de Jornalismo Investigativo. Curitiba: Uninter, 2016.
- ANDERÁOS, Ricardo. Internet supera TV em faturamento publicitário nos EUA. In: *Observatório da Imprensa*, n. 794. 15 abr. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed794_internet_supera_tv_em_faturamento_publicitario_nos_eua>.
- APUBLICA. A revoada dos passaralhos. Disponível em: <<http://apublica.org/2013/06/revoada-dos-passaralhos/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- CAÑO, Antonio. Carta aberta do diretor do EL PAÍS à Redação do jornal. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/03/actualidad/1457031570_991358.html>. Acesso em 15 jul. 2016.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHAPARRO, Manuel. *Sotaques d'aquém e d'al'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém: Jortejo, 1998.

COSTA, Lailton. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, José. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010a.

_____. Outros gêneros em jornais regionais. In: MARQUES DE MELO, José. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010b.

DESACATO. Um panorama sobre as demissões de jornalistas brasileiros desde 2012. Disponível em: <<http://desacato.info/um-panorama-sobre-as-demissoes-de-jornalistas-brasileiros-desde-2012/>>. Acesso em 15 jul. 2016.

DUARTE, Letícia. Entrevista cedida por email ao grupo de pesquisa de Jornalismo Investigativo. Curitiba: Uninter, 2016.

FIGUEIREDO, Cândido. Entrevista cedida por email ao grupo de pesquisa de Jornalismo Investigativo. Curitiba: Uninter, 2016.

FORTES, Leandro. *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANCO, Guillermo e SOARES, Marcelo. *Como escrever para a web: elementos para a discussão e construção de manuais de redação online*. Austin: Centro Knight. Disponível em: <<http://issuu.com/midia8/docs/comoescrevernaweb>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

HUNTER, Mark e HANSON, Nils. O que é o jornalismo investigativo? O jornalismo investigativo não é a cobertura habitual. In: HUNTER, Mark (Org.). *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*. Montevidéu: Unesco, 1996.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIZÁRRAGA, Daniel. Entrevista cedida por email ao grupo de pesquisa de Jornalismo Investigativo. Curitiba: Uninter, 2016.

MARTINS, Cid. Entrevista cedida por email ao grupo de pesquisa de Jornalismo Investigativo. Curitiba: Uninter, 2016.

MEIO E MENSAGEM. Netflix pode investir em jornalismo. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/10/15/Netflix-podera-investir-em-jornalismo.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

MORELO, Ginna. Entrevista cedida por email ao grupo de pesquisa de Jornalismo Investigativo. Curitiba: Uninter, 2016.

NOSSA, Leonêncio. Entrevista cedida por email ao grupo de pesquisa de Jornalismo Investigativo. Curitiba: Uninter, 2016.

PROJETO INTERMEIOS. Demonstrativo mensal dos dados do faturamento bruto, por meio. Disponível em: <http://www.projetointermeios.com.br/relatorios/rel_investimento_1_0.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2014.

RAMONET, Ignacio. *A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

SILVA, Ezequiel (Org.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria. *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

TOGNOLLI, Claudio. Rosental e o novo modelo midiático. In: CRISTOFOLETTI, Rogério e KARAM, Francisco (Orgs.). *Jornalismo investigativo e pesquisa científica: fronteiras*. Florianópolis: Insular, 2011.

TOLEDO, José Roberto. Reportagem Assistida por Computador e jornalismo investigativo. In: CRISTOFOLETTI, Rogério e KARAM, Francisco (Orgs.). *Jornalismo investigativo e pesquisa científica: fronteiras*. Florianópolis: Insular, 2011.

TREZZI, Humberto. Entrevista cedida por email ao grupo de pesquisa de Jornalismo Investigativo. Curitiba: Uninter, 2016.

VASCONCELOS, Frederico. *Anatomia da reportagem: como investigar empresas, governos e tribunais*. São Paulo: Publifolha, 2008.

Resumo

O trabalho consiste na análise de declarações cedidas em entrevistas por jornalistas investigativos exclusivamente para esta pesquisa. Foram selecionados jornalistas que publicaram reportagens consideradas referências na produção e que tenham tido algum tipo de reconhecimento. Considerou-se, portanto, os que obtiveram prêmios nacionais e/ou internacionais, com reportagens que transformaram determinadas realidades, nos últimos 10 anos. Realizamos também uma revisão bibliográfica dos conceitos de jornalismo investigativo e reportagem para, a partir de então, analisar as opiniões dos jornalistas, associando-as à literatura relacionada. Em geral, expressa-se uma posição defensiva a respeito da reportagem, considerando as tecnologias digitais e a realidade de meios de comunicação tradicionais. Observa-se também uma preocupação em relação à manutenção dos princípios e valores do jornalismo diante das mudanças.

Palavras-chave

Reportagem. Jornalismo investigativo. Jornalistas.

Abstract

The work is the analysis of statements in interviews granted by investigative journalists exclusively for this search. Were selected journalists who published reports as references in production and have had some sort of recognition. It was, therefore, those who have obtained national and/or international awards, with reports that turned certain realities, the past 10 years. We also made a literature review of investigative journalism concepts and report to, from then, analyze the opinions of journalists, linking them to related literature. In general, expressed a defense of the report, considering the digital technologies and the reality of traditional media. It was also noted a concern regarding the maintenance of the principles and values of journalism in relation to these changes.

Keywords

Reporting. Investigative journalism. Journalists.